

Exposição Permanente de Fotografia, “Páginas Soltas” de Fernando Peres Rodrigues



*50 fotografias doadas pelo autor ao
Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental, na
sequência de uma
Exposição realizada na Biblioteca Nacional de Portugal,
de 10 de Agosto a 15 de Setembro de 2010*

Local: **Passadizo que liga os 2 edifícios do Hospital de São Francisco Xavier**

“Páginas Soltas” foi o título da primeira exposição individual de Fernando Peres Rodrigues. A ideia da exposição, segundo o autor, surgiu de uma frase de Santo Agostinho: “O mundo é um livro e as pessoas que não viajam só leram uma página.” As fotografias que tirou pelo mundo, ao longo de 15 anos, que constituem um diário de viagens, desde a misteriosa Birmânia à desconhecida Líbia, deram origem a esta exposição.

Nota curricular do autor:

Fernando Manuel de Sousa Peres Rodrigues, 54 anos, licenciado em Medicina e especialista em Psiquiatria, exerce funções como Chefe de Serviço no Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental do Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental.

Inicia-se na fotografia aos 12 anos de idade.

Inicia-se na imprensa portuguesa com 20 anos na revista Música & Som.

Ao longo da sua actividade profissional como repórter fotográfico trabalhou para as seguintes publicações: TV Guia, Sete, O Jornal, Sábado, Moda & Moda, Expresso, Caras e Caras Viagens. As suas fotografias apareceram nas seguintes publicações: Visão, Público, Volta ao Mundo, Rotas & Destinos, Nova, Courrier International, Veja, Libération e Die Zeit.

Durante oito anos desloca-se regularmente a Paris para fotografar os desfiles de moda de Alta-Costura.

Em 1989 é distinguido com o prémio de Melhor Fotógrafo de Moda atribuído pelo Crazy Nights/A Capital.

Participa em várias exposições colectivas.

Realiza as fotografias do livro «Rock Stars» editado pelo Círculo de Leitores e pela Gradiva, fotografias de mais de 60 concertos de música pop/rock efectuadas num período de cinco anos.

Contribui com fotografias para o livro «O Homem e o Trabalho» editado pela Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho/SmithKline Beecham Farmacêutica.

Em 2006 concebe o livro de autor «Por outras Terras» com fotografias, textos, paginação, maquete e digitalização dos diapositivos da sua responsabilidade. Este trabalho foi editado pela Lundbeck numa tiragem de 7500 exemplares distribuídos pela classe médica.

Em 2008 escolhe um conjunto de 6 fotografias que foram editadas numa caixa pela Lundbeck. As fotografias têm um formato útil de 30x45 cm e foram editadas em papel fotográfico, tiragem de 1000 exemplares cada.

Em 2009 ganha o prémio na categoria «Pessoas» do concurso fotográfico da National Geographic Portuguesa.

Em 2010 realiza a sua primeira exposição individual, na Biblioteca Nacional de Portugal, intitulada “Páginas Soltas”.

Nos últimos anos tem-se dedicado às duas actividades do seu maior agrado: fotografias documentais de viagens e exercício de psiquiatria hospitalar.



Tailândia, Bangkok, Novembro 1993. A cerimónia religiosa decorria no Wat Phra Kaew, Templo do Buda de Esmeralda, perto do Grande Palácio. Entrei com receio de perturbar o ritual e optei por me sentar no chão perto de um grupo de monges. A tentação de tirar algumas fotografias foi maior do que o pudor. Esta foi tirada no momento em que um turista mais desatento e barulhento fez com que alguns dos monges o interpelassem com o olhar de forma eloquente. Num ápice a tranquilidade voltou a reinar.



Tailândia, Bangkok, Novembro 1993. A norte de Mae Hong Song, mesmo na linha fronteiriça entre a Tailândia e a Birmânia, perto de Mae Aw, encontra-se o campo de refugiados da tribo das mulheres girafa. Nesta tribo o conceito de beleza feminina está relacionado com a altura do pescoço. Desde crianças, as raparigas vão colocando anéis de metal à volta do pescoço de forma a alongá-lo. Quanto maior o número de anéis maior a beleza. Na idade adulta as mulheres são obrigadas a usar permanentemente os anéis de forma a prevenir eventuais fracturas de uma coluna cervical completamente deformada.



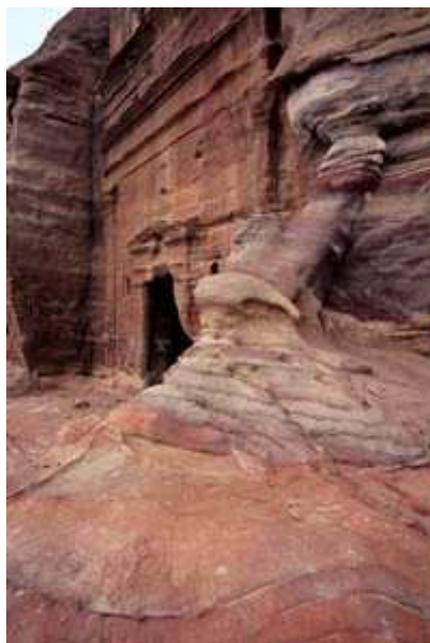
Islândia, Glaciar Vatnajokull, Agosto 1994. A paragem para comer algo e beber um pouco de água não demorou mais de 20 minutos. Sorrateiramente deixei-me ficar para trás enquanto o grupo recomeçava a marcha (devo confessar que me escondi atrás de umas rochas) pois queria fotografar a longa fila de personagens. Tentei reencontrar o grupo o mais depressa possível, mas fui descoberto pela guia. A reprimenda que me deu só foi amenizada quando lhe pude explicar que, apesar de ser psiquiatra, ainda tinha algum senso e que tinha tido o cuidado de seguir escrupulosamente as pegadas deixadas de modo a evitar as fendas escondidas. As pazes foram feitas depois de prometer não repetir a «brincadeira».



Islândia, Géiser Strokkur, Agosto 1994. O géiser mais famoso da Islândia expele um jacto de água quente a mais de 30 metros de altura a cada 3 minutos. O tempo ameaçava chuva forte e decidi afastar-me um pouco para obter uma perspectiva diferente antes que a tempestade desabasse. Resmungando comigo próprio sobre a instabilidade do clima, aproximei-me de um outro pequeno géiser e foi então que o sol apareceu no momento exacto em que, ao fundo o Strokkur, se exibia. Só tive tempo para disparar uma fotografia.



Jordânia, Dhiban, Abril 1995. Após a visita de Madaba e dos seus famosos mosaicos dirigimo-nos para a pequena vila de Dhiban. O sol a pique obrigava a que os raros habitantes visíveis procurassem o refúgio de uma sombra. A nossa presença despertou a curiosidade geral e enquanto fotografava uma porta trabalhada tive a sensação de ser observado com insistência. Voltei-me e surpreendi o rapaz que se tentou esconder atrás do poste. Ao fundo um dos homens importantes vinha indagar o que se passava.



Jordânia, Petra, Abril 1995. Petra, a cidade dos Nabateus, é uma constante surpresa. Durante dois dias percorri a maior parte das atrações aconselhadas nos guias turísticos. Antes de abandonar a zona decidi afastar-me das zonas mais movimentadas e fiquei rendido com a beleza da textura das rochas que rodeavam estes túmulos. Para despedida de Petra não podia ser melhor.



Chile, Vale da Lua em Atacama, Novembro 1995. A zona do Deserto de Atacama tem uma magia única. Diariamente, ao final do dia, assiste-se a uma romaria de turistas até uma zona alta do Vale da Lua para assistir ao pôr-do-sol. A subida da duna é uma tarefa que acaba por se revelar mais difícil do que previsto. Os primeiros visitantes acomodam-se confortavelmente na crista da duna. Mais tarde, quando o sol baixar no horizonte, as pessoas vão amontoar-se na duna, pelo que preferi subir mais um pouco e assistir aos dois espectáculos.



Chile, Iquique, Novembro 1995. Conhecida pelas dunas gigantes que a rodeiam, a cidade de Iquique reservou-nos uma surpresa: estava em festa. O público cercava o palco onde apareciam os artistas. Consegui passar para os bastidores onde me deparei com um grupo de crianças com os ossos à mostra! Compenetradas no seu papel foi com indiferença que se deixaram fotografar por mim.



Filipinas, Manila, Dezembro 1996. Após a visita ao bairro chinês regressámos ao centro da cidade a pé. A oportunidade para, de cima de um viaduto, vermos este bairro de lata que abraçava as linhas de comboio. As pessoas viviam literalmente entre os carris e tudo se passava como se a linha estivesse desactivada. Não estava. Esta foi uma visão apocalíptica da zona degradada de Manila.



Filipinas, El Nido na Ilha de Palawan, Dezembro 1996. Considerada como uma das últimas fronteiras selvagens das Filipinas, a Ilha de Palawan tem jóias escondidas que apenas se revelam aos que se dão ao incómodo de fugir aos circuitos turísticos tradicionais. No extremo norte da ilha, a vila de El Nido dá acesso a uma enorme quantidade de pequenas ilhas que formam o Arquipélago de Bacuit. De barco, descobrem-se recantos paradisíacos em que as águas têm cores impossíveis. Lugares mágicos só conhecidos pelos pescadores locais.



Namíbia, Mar de Dunas no Parque Namib-Naukluft, Outubro 1997. Na véspera, na cidade costeira de Swakopmund, tínhamos acordado que para este voo de 4 horas sobre o deserto iria ser retirada a porta do pequeno avião, de forma a podermos fotografar à vontade. Para mim, uma decisão acertada que permitiu deslumbrar-me com as formas inesperadas e as texturas aveludadas das dunas. Para os outros, que viajavam no banco traseiro, uma decisão não acautelada com roupa adequada ao frio que se fazia sentir dentro do habitáculo.



Namíbia, Parque Namib-Naukluft, Outubro 1997. A caminho das luxuosas tendas do Acampamento Mwisho, as expectativas eram elevadas, pois a paisagem era magnífica e na manhã seguinte iríamos fazer um voo de balão! A estrada desenrolava-se ondulante numa paisagem amarelada. Parámos para tirar fotografias. Teimei que necessitava de um carro a passar. Este demorou mais de meia hora a aparecer. Os meus amigos começavam a desesperar. Contudo, o pior estava para acontecer: durante a noite o vento começou a soprar violentamente o que obrigou ao cancelamento do balão e ao adiamento da visita ao deserto. Dez dias mais tarde os nossos desejos realizaram-se.



Íemen, Mercado em Sanã, Outubro 1998. O mercado central em Sanã, nas imediações da Baba al-Yaman, a principal porta da cidade velha, atinge o seu paroxismo de manhã cedo. Os pregões gritados em voz alta são incompreensíveis e cruzam-se com as discussões dos preços e com a música que anima muitas das tendas. O vaivém é contínuo e aqui o espectáculo é observar sem pressas, apesar do bulício.



Íemen, Al-Jawf, Outubro 1998. A região de Al-Jawf é conhecida pela arquitectura típica das suas casas às riscas e por ser uma terra de tribos aguerridas que não estão habituadas aos visitantes e que ainda mantêm vigias armados à entrada das povoações. Convencemos o nosso condutor a parar o carro. Mal me aproximei da casa com a máquina fotográfica a repariga que me tinha despertado a atenção desapareceu, mas pouco depois voltou com o seu caderno escolar e acedeu a ser fotografada de costas.



Irão, Ganjnamé, Maio 1999. Contrariamente ao que esperava encontrei um povo amigoso, curioso pelas outras culturas e que não se furtava ao contacto com os estrangeiros. Perto da vila de Ganjnamé existe um conjunto de inscrições antigas gravadas na rocha no tempo de Dáriu I em três línguas: persa antigo, elamita e babilóneo novo. Mesmo ao lado estão umas quedas de água a que nenhum grupo resiste tirar uma fotografia. As estudantes não se sentiram minimamente incomodadas com a minha presença.



Irão, Esfahan, Maio 1999. O pintor, absorvido pela tarefa de captar todas as subtilezas do interior da Masjed-é-Eman, nem se apercebe da minha presença. Considerada como um dos expoentes máximos da arquitectura religiosa no Irão, esta mesquita é completamente coberta de mosaicos azuis-claros, tanto no interior como no exterior, cujas tonalidades mudam consoante a incidência da luz. É obrigatório visitá-la a diferentes horas do dia.



Birmânia, Thanboddhay Paya, Dezembro 1999. Depois de subir ao topo do templo, entretive-me a ver o movimento dos diversos grupos que passavam lá em baixo. Este grupo de jovens monges decidiu juntar-se a mim lá no alto. Os degraus eram altos e estreitos e os movimentos dos braços para ajudar à subida simulavam um bailado pleno de graciosidade. Os risos espontâneos e francos, como só são os que ocorrem naquelas idades, enchem o ar de alegria. No momento do disparo passei a fazer parte daquele grupo por um instante.



Birmânia, Mingun, Dezembro 1999. O Templo Hsinbyume (1816) foi construído em memória da esposa do Rei Bagyidaw. Cada um dos sete terraços circulares em torno da stupa representa as sete cadeias de montanhas que rodeiam o Monte Meru. O templo foi construído de acordo com o plano budista do cosmos. Entretidas na conversa as duas raparigas não deram conta da minha chegada. Ao fundo, uma vaca saboreia as ervas. Todo o cenário respira tranquilidade. Assim que elas me viram passei a ter companhia na visita ao templo. No final uma pequena gratificação pela visita guiada não solicitada. Todos temos de fazer pela vida.



Costa Rica, Catarata La Fortuna, Março 2001. A descida até à base da catarata foi mais perigosa do que difícil. O trilho era sinuoso e inclinado, o chão encharcado não ajudava e o calor e os mosquitos também não. Lá em baixo, o spray da água refrescava o ambiente, mas não dava tréguas às minhas máquinas. Afastei-me um pouco e foi então que a vi, meio escondida atrás de uma rocha que a parecia proteger da violência com que as águas caíam. Ela tentava aquecer-se ao sol e bronzear a pele clara após o mergulho nas águas frias.



Costa Rica, Ferry entre a Península Nicoya e Puntarenas, Março 2001. No início da travessia de 90 minutos estava absorto a admirar a paisagem. O som da música de ritmo indolente chegou-me pouco a pouco, conjugando-se na perfeição com o ligeiro ondular do barco. Os passageiros foram-se juntando para ouvir o artista ocasional (pensava eu). As canções populares eram conhecidas da maioria e o ambiente foi ficando mais animado. Pouco antes do desembarque o chapéu do artista, afinal não ocasional, foi exibido para que todos pudessem testemunhar o seu agrado. O pedido de recompensa não beliscou a boa disposição que se vivia.



Tunísia, Ksar Ouled Soltane, Outubro 2001. Os ksour são celeiros, habitualmente construídos em locais pouco acessíveis, com uma única entrada e de construção fortificada para evitar as pilhagens dos inimigos. O ksar de Ouled Soltane é um dos maiores com mais de 400 gorfas ou células, distribuídas por vários andares. À saída encontramos este grupo de anciãos que, com dois grupos de pedras de cores diferentes, se entretinham com um jogo tradicional.



Tunísia, Tamerza, Outubro 2001. Era dia de festa. O Ramadão tinha-se prolongado por um mês, o jejum durante o dia terminara. Ali mesmo ao lado, os homens da família esfolavam a cabra acabada de matar. Esta mulher tinha de se dividir entre os preparativos para a refeição, as essências que ardiavam no vaso de barro e impregnavam o ar com um cheiro aromático e as crianças que brincavam e mereciam as suas recomendações.



Índia, Devli no Rajastão, Novembro 2001. Esta foi uma viagem feita num circuito organizado. O programa «Rajastão Insólito» propunha a visita a alguns locais menos conhecidos e a possibilidade de pernoitar em palácios de marajás ou rajás das regiões menos importantes. Na pequena cidade de Devli, perto de Bundi, estas três mulheres ocupam-se de uma das tarefas milenares na Índia: a recolha de lenha para fazer o lume. A elegância dos seus gestos, apesar do trabalho duro, cativou-me definitivamente.



Índia, Ranakpur no Rajastão, Novembro 2001. Ao final do dia levanta-se uma brisa refrescante e os homens, apenas os homens, alinham-se à beira do casario. Os turbantes de cores vivas «chamaram» por mim, aproximei-me deste homem que, pela imponência do seu bigode cuidado, exalava autoridade. Após uma troca de olhares, com um leve acento de cabeça, concedeu-me autorização para a fotografia. Depois um sorriso mútuo selou a nossa cumplicidade.



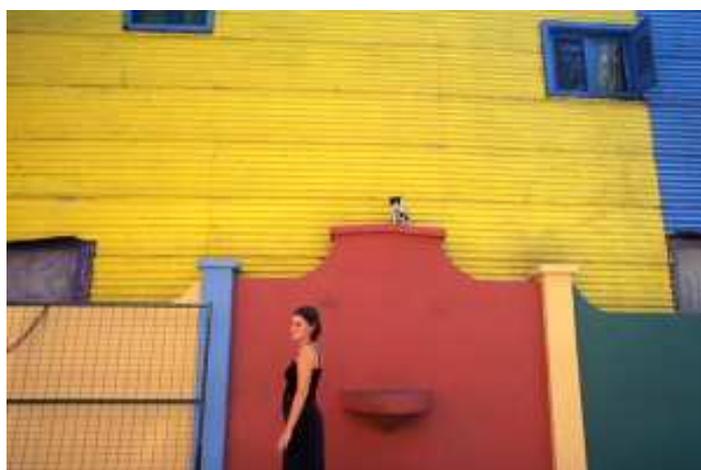
Cuba, Havana, Março 2002. A capital de Cuba é uma cidade monumental cuja glória se perdeu nos anos 50 do século passado. Embora muito degradados por décadas de abandono, os edifícios de Havana teimam em manter-se de pé, exibindo um porte altivo. Passear pelas ruas desta cidade transforma-se num mergulho no passado. Somos surpreendidos a cada esquina. Aqui, um carro clássico americano parece ter sido pintado de um azul improvável para condizer com a cor do edifício à frente do qual parece estar estacionado para ficar.



Cuba, Trinidad, Março 2002. A maioria das casas senhoriais da cidade tem amplas janelas/portadas à espanhola que, quando estão abertas, possibilitam uma visão do interior das salas. De fora, esta sala pareceu-me irresistível. Decidi bater à porta e perguntar se era possível tirar uma fotografia. Algo desiludida por não ser um cliente, Lidice Zeuera Mauri acede a posar e desabafa: «Sabe, esta casa foi construída pelo meu avô, ele tinha uma fábrica de tabaco e vivíamos bem. Hoje em dia tenho dois quartos para alugar, é a única forma de manter a casa, mas ainda não tive direito a telefone. Só tenho turistas quando os quartos da minha vizinha, que tem telefone, estão ocupados».



Argentina, Glaciar Viedma na Patagônia, Março 2003. Perto da vila de Chálten, o Glaciar Viedma, ofuscado pelo seu irmão mais famoso o Glaciar Perito Moreno, recebe relativamente poucos turistas. Após uma viagem de barco no Lago Viedma, em que aprendemos a utilizar as armações com espigões que nos permitem andar sobre o gelo em segurança, acedemos finalmente ao glaciar que, tal como muitos outros, está em retrocesso. Depois de caminharmos sobre gelo fino, evitado buracos sem fundo à vista e bebido um whisky com gelo natural do glaciar, vamos a caminho da experiência mais estranha: entrar por uma fenda lateral do glaciar e acedermos a uma gruta banhada por uma luz azul intenso, cujo tecto é formado pelo gelo do próprio glaciar.



Argentina, Buenos Aires, Março 2003. O Caminito no Bairro La Boca é uma das atracções turísticas da cidade. Mas nem sempre foi assim. No início, era o local onde viviam os imigrantes mais carenciados, onde abundavam as casas de reputação duvidosa e os perigos espreitavam a cada esquina. Com a descoberta do petróleo dá-se a regeneração de toda a zona e a intervenção do pintor Benito Quinquela Martin transfigura-a num local de cores vivas que atrai todo o género de artistas. Para o gato da imagem este é o seu dia a dia: observar do seu poiso privilegiado o ritual obrigatório da turista que pousa diante das paredes coloridas.



China, Tibete, Mosteiro de Ganden, Maio 2005. Por momentos a neve dá tréguas e deixa de cair. Aproveito a abertura para explorar a entrada do complexo de templos, uma autêntica cidade. Em exposição, os panos de cores vivas com orações aguardavam a passagem de fiéis interessados na sua compra. Enquanto enquadrava a fotografia com o primeiro plano colorido e o mosteiro por fundo, apercebo-me da aproximação de um monge. Foi só aguardar um pouco pelo momento que me pareceu propício. Fundado em 1409, este mosteiro tinha mais de 2000 monges no final da década de 50. Bombardeado por duas vezes e reduzido a escombros, tem vindo a ser reconstruído essencialmente com o dinheiro dos donativos dos crentes.



China, Tibete, Shigatse, Maio 2005. A limpeza e os trabalhos de manutenção básica são tarefas realizadas pelos monges mais novos. Na realidade trata-se de um trabalho invisível feito na sombra, mas imprescindível. Este monge do mosteiro Tashilhunpo passa pela sombra com as vassouras às costas, tentando passar despercebido. Contudo, ao ser fotografado não evita um sorriso.



Egipto, Alexandria, Setembro 2005. Ao final da tarde, com a luz do sol rasante e enfraquecida, passeio-me pelas praias de Montazah, zona oriental da cidade de Alexandria. O prazer do banho é permitido às mulheres, desde que o façam com decoro, isto é, vestidas. Estas, optam pelo conforto, sentadas em cadeiras de plástico usufruindo as delícias da maré enchente, enquanto tomam conta das crianças.



Egipto, Balat, Setembro 2005. A rota dos oásis a ocidente do rio Nilo é uma zona habitualmente esquecida pelos turistas mais interessados em conhecer os esplendores da antiga civilização do Vale do Nilo. Nos últimos séculos poucas coisas mudaram nas ruelas da cidade medieval de Balat. Deambular pelos seus recantos é uma experiência a não perder. Tentei entrar na mesquita, mas sem sucesso, não fui autorizado. Esperei nas imediações até o responsável da mesquita sair. Dirigi-lhe a palavra, mas ele não estava para conversas e tapou os ouvidos!



Nova Zelândia, Praia Karekare, Novembro 2005. Local das filmagens do famoso filme «O Piano» de Jane Campion, esta praia tornou-se um destino óbvio após a visita a Auckland. O tempo ameaçava chuva e o vento soprava forte à saída do carro. A intensidade do vento aumentou à medida que nos aproximávamos da praia desabrigada. A areia seca rodopiava ao sabor das rajadas de vento, formando bizarros desenhos na tela de areia molhada escura deixada pela maré vazia. Os arabescos formados sugeriam asas de gigantescas aves que fugiam à nossa frente à medida que avançávamos. Um pouco mais tarde, o céu tingiu-se de negro, a tempestade desabou e foi uma correria até ao carro.



Nova Zelândia, Rotorua, Novembro 2005. Antes de conseguirmos avistar Rotorua sentimos-lhe o cheiro a enxofre. Aqui a espessura da crosta terrestre é fina o que nos proporciona a observação de múltiplas manifestações dos fenómenos ligados à actividade vulcânica. A Champagne Pool na Wai-O-Tapu Thermal Wonderland é sem dúvida uma das atracções da zona. Trata-se de uma vasta piscina de água esverdeada a escaldar, ornamentada por uma orla laranja vivo onde habitam algas termófilas cujo nome advém do facto da água a ferver libertar bolhas de gases, tal como uma garrafa de champanhe acabada de abrir.



Estados Unidos, Alasca, Harding Ice Field, Maio 2006. A verdadeira beleza e dimensão da paisagem do Alasca apenas podem ser apreciadas a partir do ar. Cada um dos três voos que fiz no Alasca foi, por si só, uma aventura. Em Seward realizei a primeira excursão aérea que foi talvez a mais marcante, pois não antevia o que me esperava em termos visuais nem térmicos. Passados dez minutos de voo já não sentia as mãos.



Estados Unidos, Alasca, Glaciar Matanuska, Maio 2006. Imaginem só um glaciar tão acessível que o parque de estacionamento fica apenas a 100 metros de distância! Melhor, um glaciar em que estamos por nossa conta sem as restrições impostas pelos «rangers». Aqui a única limitação é o nosso bom senso. É conveniente tê-lo em doses razoáveis, pois os perigos existem. Gostei tanto da experiência que duas semanas mais tarde repeti a visita.



Líbia, Idehan Ubari, Outubro 2006. Durante uma semana estivemos longe da civilização e adoptámos a frugalidade de quem vive em zonas tão inóspitas. No último dia a higiene diária para dois já era feita com menos de 1,5 litros de água! Nas paragens apressávamo-nos a sair dos jipes para deambularmos pela imensidão do deserto. Os guias berberes ficavam junto às viaturas em amena conversa e discretamente vigilantes. Nessas alturas, eles eram os vigilantes do maior recreio onde alguma vez já estive.



Líbia, Gebraoun, Outubro 2006. Quando menos esperávamos eis que a água faz a sua aparição como que por milagre. Os lagos da zona do Ubari têm vindo a desaparecer mas alguns teimam em se mostrar em todo o seu esplendor. Devido à intensa evaporação, a sua água é mais salgado do que a do Mar Morto e nadar é uma tarefa quase impossível, pois o corpo tende a ficar em grande parte fora de água o que impede a eficácia dos movimentos. Quem tem feridas ou escoriações deve abster-se de tomar banho porque o ardor é muito intenso. Abrir os olhos dentro de água é algo que só se faz uma vez.



Guatemala, Antigua, Janeiro 2007. Antigua é considerada, com justiça, uma das mais belas cidades coloniais das Américas. Parte do seu encanto deve-se à localização geográfica em que três vulcões vigilantes dominam o horizonte e nos obrigam a uma postura de humildade e respeito. O ambiente da cidade é reforçado pelos trajes típicos que muitos dos seus habitantes continuam a usar. Esta mulher, com a criança a tiracolo, parece indecisa sobre qual a direcção a tomar, tal como a maioria dos países da América Central.



Guatemala, Chichicastenango, Janeiro 2007. Esta pequena cidade adormecida desperta duas vezes por semana para os mercados. É então literalmente invadida pelos comerciantes e compradores que vêm de toda a província e não faltam os turistas ávidos de presenciarem estes momentos que se têm perpetuado até aos nossos dias.



Austrália, Kings Canyon, Mereenie Loop Road, Novembro 2007. A viagem de Alice Springs até ao Kings Canyon Resort não tinha sido fácil devido às fortes chuvadas que transformaram os troços da estrada de terra em autênticos lamaçais. Na véspera tínhamos dado uma primeira vista de olhos ao King Canyon já ao final do dia. Durante a noite choveu intensamente e, nessa manhã, quando tentámos fazer a visita ao Kings Canyon verificámos que a estrada estava intransitável: um largo rio com mais de 1,8 metros de altura de água impedia-nos a passagem. Optámos por um passeio na direcção contrária. Abateu-se então a tempestade mais forte que alguma vez presenciei. Momentos após esta fotografia um dilúvio desabou e o trajecto de regresso foi feito a 10 km/h, tentando adivinhar onde se encontrava a estrada.



Austrália, Kangaroo Island, Novembro 2007. Na costa sudoeste da ilha, no Flinders Chase National Park, fomos descobrir as Remarkables Rocks. No cume arredondado de um promontório junto ao mar, espalham-se enormes blocos graníticos com formas saídas da imaginação de um escultor moderno. É difícil perceber qual a origem destes monólitos, como se formaram e como é que ali foram ter. A capacidade de criar da Natureza é infinita.



Indonésia, Ilha de Java, Bromo, Maio 2008. Saímos do hotel às 4 horas, ainda noite cerrada, para uma viagem de mais de 1 hora pelo Mar de Areia na base da grande caldeira que engloba vários vulcões. O nosso destino era um miradouro no Gunung Penanjakam, a 2770 metros de altitude. Aí, enregelados pela temperatura negativa, aguardamos o lento aparecimento da primeira luminosidade. A pouco e pouco, as formas dão-se a conhecer: o Mar de Areia ainda envolto em denso nevoeiro, o cone perfeito do Batok, o sempre fumegante Bromo e lá no fundo, qual maestro de orquestra, o enorme Semeru que espaçadamente tem uma convulsão e expele um jacto de cinzas incandescentes. A paisagem vulcânica perfeita.



Indonésia, Ilha das Flores, Nanga Penda, Maio 2008. Os jardins tradicionais japoneses são célebres pelo desenho minimalista e pelos seixos de várias cores. Nesta praia, nas imediações de Ende, na costa sul da Ilha das Flores, a areia negra encontra-se literalmente coberta de seixos azuis. Centenas de locais dedicam-se à tarefa de escolherem as pedras de forma e cor mais perfeitas. As melhores estão enterradas. Diariamente são recolhidas várias toneladas de pedras que mais tarde serão exportadas.



Estados Unidos, Wyoming, Yellowstone National Park, Grand Prismatic Spring, Setembro 2008. Demorámos algum tempo a descobrir um quase trilho que nos permitisse subir a encosta íngreme até ao topo do monte. A recompensa estava à vista, uma magnífica panorâmica da maior nascente termal do parque. O azul intenso das águas fumegantes contrastava com os padrões listrados laranja vivo das algas que crescem aproveitando as altas temperaturas e as concentrações elevadas de vários minerais.



Estados Unidos, Paria, Coyote Buttes North, The Wave, Setembro 2008. Na tentativa de preservar o local, apenas 20 pessoas são autorizadas diariamente a visitar The Wave. As primeiras 10 entradas são sorteadas na Internet com 4 meses de antecedência. As outras 10 são sorteadas entre as pessoas que todos os dias comparecem na estação dos «rangers», a 60 km de Page. Em 2004, na primeira vez que soube da existência desta formação geológica, não tive sorte nos sorteios diários. Em 2008 não fui contemplado no sorteio da Internet. Mesmo assim decidi arriscar. Só à 3ª e última deslocação à estação dos «rangers» é que fomos bafejados pela sorte. A fotografia explica de forma eloquente a razão de tanto trabalho para a obtenção da entrada e da caminhada de três horas, por trilhos não assinalados, até à The Wave. Alguns afortunados pela posse da desejada autorização têm depois o azar de se perderem e não chegam a visitar o local tão ambicionado.



Portugal, Costa Vicentina, Praia da Barriga, Setembro 2009. A amizade é construída a pouco e pouco e os momentos de cumplicidade são o seu cimento. Quando sentimos necessidade de parar, de nos sentarmos, de nos maravilharmos com o que nos rodeia e deixarmos o nosso pensamento divagar, é importante que quem está connosco nos acompanhe. Este momento de entendimento prova quem é o nosso melhor amigo não é humano.



Portugal, Litoral Alentejano, Praia de Alteirinhos, Dezembro 2008. Do topo das falésias entre as praias de Alteirinhos e da Zambujeira do Mar a vista è magnífica. O sol em contraluz espelha a água que se entranha na areia quando as ondas voltam ao seio do mar. Tudo assume um tom prateado e eis que entram em cena três personagens. Aguardo o momento em que eles estão bem posicionados e o rasto da água irradia luz.



Turquia, Istambul, Setembro 2009. O final do dia, perto da entrada da Ponte Gálata, é o momento ideal e o local certo para uma paragem. Dois dedos de conversa, uma troca de promessas, uma bebida refrescante ou tão só uma pausa para admirar a azáfama dos que passam apressados, dos restaurantes ribeirinhos e do movimento dos barcos que cruzam as duas margens. Na fotografia, ao fundo, a imponente mesquita Yeni Camii.



Turquia, Goreme, Setembro 2009. A Capadócia, mais precisamente a zona de Goreme, é palco da segunda maior concentração mundial diária de balões de ar quente. Todos os dias, desde que as condições meteorológicas o permitam, ao raiar do sol, mais de 60 balões parecem brotar das bizarras formações rochosas esculpidas pela erosão dos elementos. Centenas de turistas extasiam-se com a experiência que os marcará para o resto das suas vidas.